

Anna Maria Chaves da Cunha

Uma Vovó

🌻 e seus muitos 🌻

netinhos



Anna Maria Chaves da Cunha

Uma Vovó
e seus muitos
netinhos

Araraquara
Letraria
2019

Uma Vovó e seus muitos netinhos

PROJETO EDITORIAL

Letraria

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Letraria

CAPA

Letraria

REVISÃO

José Carlos Cunha, Sarah Crestian Cunha e Letraria

CUNHA, Anna Maria Chaves da. **Uma Vovó e seus muitos netinhos**. Araraquara: Letraria, 2019.

ISBN: 978-85-69395-36-2

1. Literatura infantojuvenil; 2. Literatura brasileira;
3. Narrativa.

Este livro foi escrito em
1993 e revisado em 2019.

Uma Vovó e seus muitos netinhos

Volume I

Por Anna Maria Chaves da Cunha
Participação especial: todos os netos

| Sumário

Agradecimentos	6
Apresentação	7
Capítulo 1: Passeio à “Mansão dos Gatos”	9
Capítulo 2: As Excursões na piçarreira	19
Capítulo 3: As Bruxinhas	24
Capítulo 4: Brincando de assombrar com o Jason e o Pai da mata	41
Capítulo 5: O Clubinho	51
Capítulo 6: Como tudo começou	67

Agradecimentos

Agradeço a toda minha família pelo apoio, amor e carinho com que me incentivaram, me deram forças e entusiasmo para colocar no papel estas lembranças.

| Apresentação

Em meados do século XX, um casal recebeu do céu a benção do matrimônio. Os anos foram passando e, ao passarem, deixavam quase sempre um pequeno ser muito querido que seria cuidado com muito amor e carinho. Era o que a jovem mamãe entendia sobre a missão que abraçara; sabia que uma família deve ser célula sadia para formação de uma sociedade harmoniosa e feliz.

Não foram poucos os momentos de ansiedade e os sacrifícios enfrentados. Mas, quando se confia em Deus, as dificuldades são sempre minimizadas e, mais tarde, superadas.

Por ordem de nascimento, os filhos do casal foram: o primogênito **José Carlos**, seguido por **Olga Maria, Rodolfo Carlos, Rosa Maria, Luiz Carlos, Carmem Maria, Lílian Maria, Rosilda, Anna Maria, Philadelpho Júnior** e com **Ciro Carlos** a prole foi fechada com chave de ouro.

Porém, a mais nova dessas flores, ainda sem desabrochar, fora escolhida pelo Pai Celeste para levar mais beleza e perfume ao Jardim Celestial: o Cirinho.

Mas seus irmãos, como sementinhas num canteiro bem adubado, regado e banhado pela luz do sol, se transformaram em belas flores que, por sua vez, espalharam mais sementes que se multiplicaram para aumentar e embelezar o jardim da família Chaves da Cunha.

E foi o que aconteceu. De José Carlos e Myriam Crestian vieram Daniel (1983), Sarah (1986) e Gabriel (1989). De Olga Maria e Ivan Anijar, chegaram Ivan (1979) e Igor (1981) e de Olga M. com Luiz Vilela veio outro: Daniel (1985). Victor (1982) e Tiago (1985) surgiram do casamento de Rodolfo C. com Socorro Ferreira. Rosa M. e Ely Nobre de Souza deram ao jardim Carolina (1978), Manuela (1980), Juliana (1982) e Ana Laura (1984). Luiz Carlos e Rita de Fátima M. da Costa deram o Luiz Jr. (1980), a Luciana (1981) e a Mariana (1984). De Carmem M. e Antônio José de Barros Filho vieram Carla (1979), Antônio José (1983) e Catarina (1988). Lílian M. e Roberto Lamarão colocaram no jardim Lis (1998). De Ana M. e Jean Daniel Crestian vieram o Raphael (1988) e a Inês (1990). De Philadelpho Jr. e Daniele Plawaski vieram a Sophia (1998) e o Arthur (2004).

Por ordem de chegada dos netos, a jovem mamãe, agora Vovó, tem: **Carolina**, a qual chamamos de Carol, **Carla, Ivan, Manuela, Luiz Jr.**, chamado de Luizinho, **Igor, Luciana, Victor, Juliana, Daniel**, o qual chamávamos Daniel da França, **Antônio José**, que todos chamam de Toi, **Ana Laura, Mariana, Tiago, Daniel**, também chamado de Danielzinho ou Dandan, **Sarah, Catarina, Raphael, Gabriel**, o qual chamam de Bil, **Inês, Sophia, Lis e Arthur**.

Neste livro, a Vovó e seus muitos netinhos vão relatar a vocês alguns eventos marcantes que viveram juntos: seus passeios, brincadeiras e o seu trabalho de solidariedade para construir um mundo melhor.

Capítulo 1:

Passeio à “Mansão dos Gatos”

Os anos passaram e vamos encontrar a avó, com seus netinhos em um lindo passeio à “mansão dos gatos¹”.

¹ Mansão dos Gatos: ficava no bosque da frente (veja a planta do terreno na p. 76).

Manhã de janeiro. O dia estava lindo, o céu transparente nos mostrava os cálidos raios de sol através das folhagens que embelezavam o bosque, ou melhor, a mata do Paracuri.

O gostoso canto dos pássaros misturava-se com o bate-papo da vovó e seus netos. A brisa suave acariciava o grupo, amenizando o clima quente que, apesar de úmido, fazia sentir o calor do Astro Rei, quase sempre presente nas manhãs dessa época do ano. O motivo daquele alegre encontro: uma visita aos bichanos da vovó.

Percorridos alguns metros do caminho varrido e limpo que leva à mansão dos gatos, mais chamada de Casa Velha (onde começou a Morada Chaves da Cunha), a mais velha da prole, Carolina, interrompeu o silêncio da expectativa com muita curiosidade e intrigada perguntou:

- Vozinha, por que você tem tantos gatos e sente tanto carinho por eles? Eles são os únicos animais do mundo de que você gosta?

Vovó demorara a responder a pergunta feita pela Carol, pois ela era muito perspicaz e crítica (qualidade herdada de seu pai, Ely) e, em outras ocasiões, já tinha deixado a avó em situações difíceis. Por exemplo, quando Carol era pequenina, vovó lhe dissera: "*Tomovai esta tiança linda?*" e obteve como resposta: "Vó, porquê tu falas assim comigo?". Em outra ocasião, Rosa, sua mãe, foi lhe dizer que iriam tirar uma *fotozinha* de seus

pulmões. Ela olhou para a mãe e disse, deixando-a sem graça: “Tu queres dizer abreugrafia, né?”. Depois de um momento, vovó respondeu:

- Boa pergunta, gosto quando vocês fazem perguntas, pois tenho muitas coisas guardadas para vocês... Esses gatinhos de que cuido com tanto carinho não são mais queridos do que os outros animais. Gosto de cada bicho como se fosse único. Todos têm a vida em si, querem se expressar, têm sentimentos, frustrações, alegrias, medos e, sobretudo, vontade de viver. Eu os respeito muito e gostaria de fazer por esses bichanos muito mais do que tenho feito. Fico feliz quando alivio o sofrimento de alguns. Por exemplo, aqui no nosso terreno temos enterrados três cavalos que tinham sido maltratados e abandonados pelos seus donos. Eles não tinham onde morar e já estavam cansados. Movi meio mundo e consegui trazê-los para cá para que morressem em paz.

- E você vovó, onde foi arranjar tantos gatos? – perguntou Luizinho que, como toda criança inteligente de sua idade, era um perguntador por excelência.

- Querido, eu não arranjei tantos gatinhos como criança arranja brinquedo. Apareciam bichanos abandonados e maltratados e a vó, com peninha, ia recolhendo-os aqui para dar-lhes o mínimo necessário para viverem. Aí eles cresceram e foram se multiplicando. Procurava pessoas para dá-los, mas ninguém queria gatos e tive que ficar com todos. Meus sentimentos não permitem que eu os jogue fora.

- Você se lembra do Sultão, da Peninha, da Pretinha e da Pepita? - continuou a avó - Do mesmo modo foram se multiplicando e ficaram mais ou menos uns dezoito e então não foi possível guardá-los aqui por inúmeras dificuldades e motivos independentes da nossa vontade. Eles foram levados para o interior de Vigia onde, dizia um trabalhador do nosso quintal, não havia cães e as famílias com certeza iriam gostar de ficar com eles. Ainda hoje fico muito triste ao lembrar-me deles. Algum tempo depois, soube que a maioria tinha morrido. Mas morreram por que, do quê? Aí, soube que não foram tratados devidamente...

- Vocês sabiam que os animais têm muita sensibilidade às mudanças de donos e ambientes? Já pensaram se cada pessoa ou família do mundo adotasse um animal doméstico e lhe desse o tratamento a que eles têm direito? - comentou Vovó em devaneio - Não haveria tantos gatos e cachorros perambulando pelas ruas, ameaçando e transmitindo doenças, seria um enorme serviço prestado à comunidade e aos animais.

- É mesmo! - disse Luciana pensativa - Mas, e as cobras, leões, macacos e os outros animais?

- Ah! Os animais selvagens não dependem de nós, eles vivem como determinam as leis naturais. - Respondeu-lhe a avó - Bastaria que os deixassem em paz. Não foi dado ao homem o direito de interferir na natureza do modo como está fazendo. Deus disse: *“Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos*

céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra [...] Eis que vos tenho dado toda a erva que dê semente, que está sobre a face de toda a terra; e toda a árvore, em que há fruto que dê semente, ser-vos-á para mantimento. E a todo o animal da terra, e a toda a ave dos céus, e a todo o réptil da terra, em que há alma vivente, toda a erva verde será para mantimento; e assim foi.” (Gênesis, 1.28-30). Mas os homens não respeitaram as leis e, agora, temos animais em extinção e diversos problemas que perturbam a natureza, pois nela, tudo tem sua utilidade.

- Vó, que utilidades são estas? - perguntou Carla curiosa.

- É o que permite a sobrevivência do homem e da natureza sobre a face da Terra. É uma pena que não se conheçam todas essas utilidades, já que, de época em época, aparecem novas descobertas que poderiam ter evitado várias tragédias e mortes, no passado. Até animais ditos peçonhentos ou inconvenientes ao homem são de enorme importância para o equilíbrio da vida. Já contei pra vocês o caso das andorinhas?

- Nãooo!

- Bem, foi mais ou menos assim... As andorinhas, em sua migração, faziam pouso por uma temporada em uma cidade de Minas Gerais. Os moradores do local, sentindo-se incomodados com a presença das aves, pediram à prefeitura que as expulsasse. Assim foi feito e houve êxito! Em parte: as safras daquele ano foram comidas por gafanhotos, lagartas e outros insetos.

Só aí perceberam o que tinham feito: quebraram o ecossistema e a população de insetos, que, até então, era controlada pelas andorinhas, cresceu em demasia e atacou as plantações. O pior de tudo foi que as aves nunca mais voltaram.

- Já viram e/ou ouviram um bando de papagaios e periquitos que sempre passam por aqui? Vocês não acham lindo uma revoada de passarinhos? - indagou com entusiasmo a avó.

- Humm.

- E os curiosos bem-te-vis que se intrometem onde não foram chamados? - continuou.

- Como quando aquele passarinho caiu do ninho, não é vovó? - disse Victor, o primogênito de Rodolfo e Socorro, que tinha uma paixão por tudo que voa (principalmente quando o assunto era aviões).

- Sim. Boa colocação Victor. O pobre passarinho caíra do ninho. Nós o levamos ao bosquinho aonde sua mãe viria, com certeza, buscá-lo. Logo, logo, os bem-te-vis se meteram na confusão: davam assobios nervosos, voavam de árvore em árvore, procurando um lugar para verem melhor o que estava ocorrendo. O mais engraçado é que havia mais bem-te-vis do que pipiras².

- É, foi muito divertido - interrompeu Victor, risonho, lembrando-se daquela alegre cena.

² Pipiras: espécie de passarinho.

Vovó riu, esperou que aquele grupinho se acalmasse e continuou:

- Em compensação, já notaram como é triste ver um pássaro ou qualquer outro animal privado de sua liberdade e muitas vezes tratado como se fosse um objeto? A liberdade lhes foi concedida por Deus e é um direito deles. A terra não foi feita só para o homem e sim para todos os seres vivos. Ninguém gostaria de ser tirado de seu ambiente e posto indefeso à disposição de pessoas alienadas e indiferentes às suas necessidades. Pois é, há homens que continuam mantendo em doloroso cativeiro animais que deveriam viver livres, gozando a liberdade tão ambicionada por todos nós.

Pouco depois, uma pequena voz saiu de um rosto que parecia acompanhar o desabafo da vovó com muita atenção. Era Mariana que, apesar de sua idade, pensava como um adulto e apreensiva perguntou:

- Vovozinha, há pessoas que ainda usam os animais como coisa, brinquedos ou divertimento?

- Minha querida, há sim, mas eu prefiro não descrever com detalhes o que a perversidade de algumas pessoas é capaz de fazer com as criaturinhas do Pai do Céu. Isto poderia entristecer nosso agradável passeio. Citarei somente algumas: as touradas, a caça, a pesca, a farra do boi, as brigas de galo e muitas outras. A propósito, acabei de ler em um jornal o escrito de uma senhora, que tem sensibilidade pelos animais,

sobre o tratamento que recebem das pessoas. Olhem, eu o copieei aqui.

Vovó mostrou a todos uma folha de papel e leu:

- *“Espetáculo obsceno³ e dantesco. A maldade contra os animais continua em todo o mundo, apesar das leis de proteção que existem, como a de Massachusetts nos Estados Unidos, a da Unesco, ... que declaram que nenhum homem exerceria tirania ou crueldade contra qualquer animal. Mas a realidade em que vivemos é outra. Em todos os lugares onde há turistas e/ou comércio de animais, os bichos sofrem maus tratos, ou para divertirem os visitantes ou na espera da venda, sem contar quando são mortos para se transformarem em souvenirs (como objetos de marfim, de couro, cascos de tartarugas, penas coloridas, conchas tropicais etc.). E, o que dizer dos milhares de animais que são sacrificados **em nome da ciência** e um número incalculável de outros maus tratos de animais...”*. Já chega, vamos mudar de assunto que estou sofrendo só de lembrar e não poder fazer nada - disse vovó, interrompendo sua leitura.

Tiago, pequenino, muito brincalhão e sabido, saiu-se com esta:

- Vó, você ajudaria até uma cobra venenosa, um sapo feio, formiguinhas ou cupins minúsculos, não é?

- Sem dúvida, meu amor! A cobra não é má, ela utiliza o veneno para se defender e sobreviver. Quanto ao sapo feio, acho-o bonito (na verdade não consigo ver

³ Obsceno: indecente, desonesto.

feiura em criatura alguma), calmo e simpático. Adoro ouvir seu coaxar⁴. As formiguinhas e os cupins, quase imperceptíveis aos nossos olhos, são serzinhos muito formosos e elegantes; inteligentes e trabalhadores. O modo como vivem em comunidade e suas organizações são uma bela lição de vida. Tudo depende de quisermos ver as belezas que nos rodeiam: devemos procurar o bem em todo mal.

- Como a história das duas irmãs? - disse Luciana.

- Sim, uma via espinhos em todas as rosas e a outra, rosas em todos os espinhos.

Nessas palavras, a conversa foi interrompida com a chegada na *casa velha*. Todos entraram e ajudaram a avó: varreram, lavaram as vasilhas onde puseram ração e água. Deram muitas risadas ao se aproximarem com bolas de papel e brinquedos amarrados na ponta de fios e participarem das peraltices de uns filhotinhos. Encantaram-se com a chegada de Carvãozinha⁵ “ronronando” e lambendo-os carinhosamente.

Entre os gatos ali presentes (na época eram quase 80), estava a Veludinha (gatinha toda preta de olhos amarelos), a Aparecida, o Príncipe, o Louro, a Velhinha (a mais idosa do bando) e a Malhadinha.

Depois de contemplarem todos os gatos, voltaram para suas casas. O tempo havia passado tão rápido que já era a hora do almoço. E todos diziam: “Foi um passeio que realmente valeu a pena!”.

4 Coaxar: barulho que o sapo faz e que se parece com isto: coá-croac.

5 Carvãozinha: era uma mãe-gata. Foi-lhe dado este nome por causa de sua cor: uma mistura de preto com marrom e amarelo.



Veludinha em sua rede na casa dos gatos.

Capítulo 2:

As Excursões na piçarreira⁶

Desta vez, vamos encontrar a nossa turminha se arrumando para uma perigosa excursão na piçarreira.

⁶ Piçarreira: veja a planta do terreno, na p. 76, para situar este local.

O tio Luiz era quem geralmente arrumava o grupo para suas perigosas excursões no meio do mato. Convocava o pessoal e dizia que ele iria partir para uma excursão às 9h da manhã. Os interessados deveriam estar no barracão no horário marcado com suas botas e lancheiras (não podiam passar fome, caso houvesse um pequeno imprevisto!).

Na hora marcada, o tio/guia chegava, reunia todo o grupo e iam em direção à piçarreira. Iam cantando alegremente. A música que cantavam era mais ou menos assim:

**“Vamos todos caminhar
E o Caidi,
E o Caidá,
Para frente toca o pé
E o Caidi,
E o Caidá,
Desde cedo ao pôr do sol
Nós queremos caminhar
E o Caidi,
E o Caidá,
E o Caidi, Caidi, Caidá
E o Caidi,
E o Caidá,
E o Caidi, Caidi, Caidá
E o Caidi,
E o Caidá,
E o Caidi, Caidi, Caidá**

**Quem se atrasa por demais
Não é bom caminhador
E o Caidi,
E o Caidá,
E o Caidi, Caidi, Caidá [...]”**

Estas excursões sempre duravam até mais ou menos meio dia. A turminha que partia de manhã já não era a mesma.

Voltavam todos cansados, melados de suor, famintos e exageradamente cheios de novidades para contar.

Entre todas as excursões, a que mais nos marcou foi aquela na qual o Luizinho resolveu dar uma de aventureiro, levando o grupinho à folia.

- Ei, pessoal! Vocês querem que eu mostre para vocês o rio que eu descobri? – disse ele contente, já imaginando aquele grupo no meio do mato, sob o seu comando e sem nenhum adulto.

- Claro que sim! Onde é que é? – perguntou Danielzinho, todo excitado.

A turma foi em direção à piçarreira para fazer uma perigosa excursão. Seguiam sempre em comboio, lancheiras e pedaços de madeira na mão, botas nos pés. Chegaram num monte, não muito alto. Todos pensavam em um rápido e fácil acesso, mas estavam enganados:

- Luizinho, tu não estudastes direito a trilha! Não nos falaste sobre esta barreira de pedras, ela não aparecia no mapa – disse Daniel da França, bastante irritado com o desvio que iam ter que fazer por causa deste erro do pequeno guia.

- É, foi mal! Vamos ter de procurar outro caminho. Olhem, daqui nós podemos ver o rio. Vamos até lá!

- Vamos! - respondeu-lhe a turma, quase em coro.

Voltas e voltas foram feitas e refeitas até que...

- Não tem jeito, vamos ter de subir por aqui - disse Luizinho apontando uma parede totalmente íngreme com apenas algumas pedras e buracos como apoio.

Na confusão de um sobe/não-sobe, ninguém percebera a aproximação de algumas pessoas. O grupo estava dividido: alguns, dentre eles, o guia Luizinho, estavam em cima do morro; outros ainda estavam embaixo. Foi aí que o inesperado aconteceu: eles foram abordados por uns quatro meninos maiores e mais ágeis do que eles e todos os quatros empunhavam facas...

Neste momento, três da turma realmente se destacaram: o Luizinho, a Carol e o Toi. O Luizinho e a Carol, só Deus sabe como, protegeram a todos e ainda negociaram a volta da garotada para a casa. Já o Toi não parava de chorar:

- Ai, não me matem, eu não fiz nada! Mãiiiiieee!

Chegaram desesperados, correndo como loucos na casa da tia Carmem onde, à tarde, algumas das mães jogavam baralho.

O tio Barros, depois de contada toda a história, pegou o seu bugue amarelo e foi dar uma volta na piçarreira para tentar pegar os "bandidos".

Nada feito! Eles já haviam fugido.

Capítulo 3:

As Bruxinhas

Primeira Parte:

Vovó gostava de animar a criançada e, dentre as animações, a que despertava mais entusiasmo era, de tarde, irem pedir-lhe bombons. Mas, em um dia chuvoso, enquanto todos estavam conversando, surgiu-lhe uma ideia...

- Eu já falei para vocês sobre duas irmãs bruxas que eu conheço? - disse vovó interrompendo a conversa.

Todos olharam meio espantados e responderam-lhe quase em coro:

- Nãoooo!

- Você conhece irmãs bruxas, vovó? - perguntou Ana Laura espantadíssima.

- Sim, conheço - continuou a avó, pausadamente e extremamente satisfeita com a reação dos netos. - Elas são muito diferentes... Uma é muito má e faz todo tipo de estripulias, inclusive desrespeitar a natureza e malinar com as crianças. Ela se chama *Malévola* e eu não gosto nem um pouco dela. Ainda bem que ela encontra sempre muitas dificuldades para realizar suas diabruras. Sua irmã é seu contrário: é bondosa, ama os bichos, as plantas e, sobretudo, as criancinhas e está sempre em alerta para impedir que sua irmã utilize poderes maus e faça alguma coisa extremamente cruel. Como o Bem vence o Mal, *Benévola* (este é o seu nome), leva quase sempre a melhor.

As crianças se mostraram logo muito curiosas.

- Quando é que vamos conhecê-las, vovó? - indagou Sarah muito excitada pela ideia de falar com uma bruxa.

- Ah, eu acho que não vai ser possível. Elas moram a muitos e muitos quilômetros daqui e não gostam de se mostrar. Mas, para vocês terem certeza de que

elas realmente existem, cada vez que estiver ventando muito, saiam correndo pela estrada, chamem a Boa Bruxinha e peçam bombons e/ou chocolates. No dia seguinte, vão de manhã cedinho procurar por uns saquinhos no bosquinho, pois, se Benévola tiver escutado vocês, com certeza ela atenderá o pedido de seus novos amiguinhos.

O dia seguinte foi novamente de muito vento e vovó esperou ansiosa pelos gritos dos netinhos. Não demorou muito, logo só se escutavam gritos assim:

- Bruxinha, traz bombom pra mim, traz bombom pra mim!

Vovó ficou muito contente. Era superdivertido ver toda aquela molecada sair correndo e gritando pela Benévola. Mas para que os netos não desacreditassem no que ela dizia, Vovó comprou bombons e chocolates, confeccionou vários saquinhos, colocando em cada um pequenas quantidades das guloseimas pedidas. Para que não existissem dúvidas quanto ao destinatário, vovó escreveu os nomes de forma engraçada e diferente em cada um dos saquinhos: com a letra meio estranha, com o nome ao contrário ou então com letras minúsculas trocadas pelas maiúsculas...

Como para muitas outras brincadeiras, vovó tinha um cúmplice: o zelador do quintal, Célio. Ela lhe pedira uma mãozinha: ele deveria esconder os saquinhos no bosquinho, naquela noite.

No dia seguinte, ao sair do sol, toda a meninada estava no bosquinho à procura de guloseimas. Queriam certificar-se de que a bruxinha realmente existia.

Uma vez todos os sacos encontrados, a animação aumentou provocando muitos comentários. Foram todos para a casa da vovó mostrar-lhe o que a bruxinha lhes havia deixado. As caras que vovó via demonstravam uma mistura de surpresa e alegria. Todos tinham alguma coisa para comentar:

- Vó, olha o que a bruxinha trouxe para mim! – disse Tiago todo feliz.

- Que legal, Tiago. – respondeu-lhe vovó amigavelmente.

- O meu nome tá escrito ao contrário! – disse, por sua vez, Manuela.

- Haha. Essa bruxinha não toma jeito. Desde a primeira vez que a vi, ela já escrevia assim... Ah, esqueci de advertir vocês! Benévola detesta sujeira e aquele que ela ver jogando papel de bombom ou chocolate no chão vai ficar um bom tempo sem receber nenhum tipo de doce – comentou vovó que não perdia nenhuma ocasião para educar os netos.

- Não se preocupe vovó, ninguém vai jogar papel no chão. – responderam em coro.

O dia inteiro só se ouviu comentários a respeito deste fato **extraordinário**.

As interrupções se tornaram rapidamente um costume. Quando vovó ouvia um de seus netinhos no telefone (ou ligando para a casa da avó ou telefonando de lá para suas casas), pegava um outro telefone e, escondida, começava a dar a “sua” poderosa gargalhada e a falar como se fosse a Benévola.

Uma das últimas interrupções ocorreu quando Raphael, o perigoso, juntamente com seus pais e sua irmã Inês chegaram da França (onde moravam).

Fafa, rapidamente, tomou conhecimento da “brincadeira” e de toda sua história. Estava morrendo de vontade de receber bombons da bruxinha ou ao menos um telefonema.

Nem precisou pedir duas vezes que logo logo recebeu um telefonema da Boa Bruxa: ele fora convidado para um fantástico passeio de vassoura mágica. Neste passeio, disse a Bruxinha, eles iriam sobrevoar a Ilha do Marajó para ver todos os animais e evitar que Malévola fizesse estripulias por lá.

- E está certo! – disse Raphael ainda espantado e com os olhos brilhando.

- Ótimo, esteja na casa velha à meia-noite em ponto. Ha, ha, ha, ha, ha.

Raphael se tomou de tal entusiasmo e emoção que fez seu pai perder a paciência. Ele não estava pronto para perder aquele passeio por nada. Queria ir à casa velha de qualquer maneira, com o seu pai Jean Daniel. Sozinho, nem pensar (ele morreria de medo)!

Vovó, sentindo-se culpada pela confusão, resolveu “atender ao telefone”.

- Raphael! – chamou vovó com uma voz tristonha – A Bruxinha acabou de ligar pedindo desculpas. Ela precisa voar ainda esta noite para muito longe e impedir sua irmã de fazer os males que estava planejando. Como ela não sabe se conseguirá mudar o caráter de sua irmã e assim voltar e ficar tranquila algum dia, ela também se despediu de todos os seus amiguinhos com muito amor e carinho.

Raphael, decepcionadíssimo, finalmente aceitou o convite de seus pais para ir dormir, deixando, assim, todos em paz.

Era uma manhã de Domingo e os netinhos estavam quase todos juntos, brincando pelo mato, perto da construção da casa do tio Zeca⁷, quando veio à Vovó a ideia de aparecer como bruxinha, pela primeira vez.

Com suas gargalhadas estridentes, feia, com dois dentes salientes (pareciam duas enormes presas), os cabelos emaranhados e sem vida, a Bruxinha apareceu, na saída da estrada que leva à Mansão dos Gatos. Ela estava enrolada num cobertor, era torta para frente, curvada e se apoiava em uma vassoura.

- *HAHAHAHAHAHA!!* - gritou a bruxa com mais uma de suas poderosas gargalhadas.

- **AHH!** Ai meu Deus, olha a **BruxiNHA aí!** - disse, num grito só e quase chorando, Luciana apontando para a "Bruxa".

Começou então um corre-corre danado. Movidos pela surpresa e com muito medo, saíram todos em busca de paus, pedras e até mesmo terçados: queriam matar a Bruxinha, destruí-la ou simplesmente pegá-la, talvez.

Felizmente, para a Vovó, não conseguiram nem segurá-la, pois, enquanto eles se armavam para uma terrível batalha, Vovó saiu correndo de volta para o mato, escondendo-se e desaparecendo da vista de todos.

⁷ Zeca: era o modo pelo qual chamavam o tio José Carlos.

Para os netinhos, foi uma frustração só: eles queriam tanto pegar esta velha Bruxa!

Mas, por incrível que pareça, Vovó não estava nem um pouco decepcionada. É, ela não havia imaginado que seus netinhos teriam esta reação e imaginava-os apenas correndo, apavorados, para dentro do mato, à procura de um lugar onde ela não os acharia. Mas mesmo tendo sido “ameaçada de morte”, Vovó se divertiu bastante e ainda se diverte até hoje, quando essa história é lembrada.



Nossa vovó Bruxinha no meio do mato.

Era o aniversário do Igor e sua mãe, Olga, preparou uma festinha nos moldes de Halloween (já que era época, 30 de outubro, destas brincadeiras).

As crianças estavam ansiosas e ouvia-se muito falar que se a Bruxinha não aparecesse, o Pai da Mata⁸ viria, com certeza. Assim a festa ia continuando. Os netinhos, ansiosos e com medo, mas com vontade de aventura, queriam que esta noite fosse uma noite de terror. De vez em quando podia-se ouvir conversas do tipo:

- Poxa, eu acho que a Bruxinha não vai vir... [...]

- A vovó falou com a Bruxinha pelo telefone e ela vem sim! Tô sentindo que a gente vai se divertir. [...]

- Aí. Eu tô é com medo! Já pensou se a Malévola pega a gente? [...]

A festinha estava chegando ao fim e nada do Pai da Mata, nada da Bruxinha. Vovó sentiu que o sono ia tomando conta da criançada e, para que não ficassem desapontados, resolveu bancar a tão esperada bruxinha.

Estudou um lugar por onde poderia escapar sem grandes problemas. Depois, arrumou-se como na primeira aparição. Deu a volta por dentro da casa para sair pelo quarto do Júnior, pelo qual o “acesso” à turma seria mais rápido e fácil.

⁸ Pai da Mata: personagem criado e encarnado pelo Luis ou Jean Daniel do qual falaremos no próximo capítulo (brincando de assombrar com o Jason e o Pai da mata).

Assim que saiu, a “Vovó-Bruxa” viu o Ivane e o Igor que, impacientes, esperavam no meio da estrada, próximos ao canil pelos possíveis visitantes. Eles estavam tão concentrados que não perceberam que a Bruxinha já se encontrava no pátio, na penumbra provocada por ela, que havia apagado as luzes. Então, deu uma de suas horríveis gargalhadas, saindo vagorosamente do seu “esconderijo”.

O susto dos dois foi tão grande que suas pernas não acompanharam seus desejos de velocidade fazendo-os se espatifarem. Rapidamente se levantaram e correram para o barracão para avisar o resto da turminha que a Bruxinha encontrava-se no terreno.

A criançada, animada com a notícia, correu em direção ao canil. Já a Bruxinha, quase sem conseguir se mexer (pois estava paralisada de tanto rir), aproveitou a oportunidade e voltou para dentro da casa. Saiu pela porta da garagem, no lado oposto em que havia aparecido e em que a criançada se encontrava e, nesta outra posição, deu outras gargalhadas, chamando a atenção para o lado da piscina. As crianças, ouvindo as gargalhadas, ficaram ainda mais eufóricas:

- Ei, é a Bruxinha! – gritou o Daniel da França.

- É, e pelo jeito ela está por perto da piscina – disse Luizinho.

- Bora logo lá senão a gente não vai conseguir ver ela! – ordenou Ivan.

Em pouco tempo, já estavam todos em volta da piscina, olhando para todos os lados.

Vovó se divertia a não poder mais. Porém, receosa de ser surpreendida, voltou para sua casa, entrando pela garagem e dando, assim, a impressão de que havia fugido por trás de seu quarto para o mato que ficava nos fundos. Despiu-se da imagem da Malévola e voltou calmamente à festa para ouvir as impressões de cada um.

O ambiente ajudava muito as imaginações porque dona Olga havia caprichado na decoração, colocando abóboras cortadas no feitiço de caveiras com velas acesas dentro, toalha de mesa com papel preto decorada com luas e estrelas, etc. E claro, depois de uma aventura como esta, os comentários eram sempre exaltados e divertidíssimos.

Era uma tarde de muito vento e toda a criançada já estava de férias. Todos os cachorros estavam soltos. Vovó estava na varanda da casa da Tia Socorro conversando com a dona da casa, Tia Rita e Tia Carmem.

A criançada estava brincando de pira-se-esconde e gostava muito de falar sobre a Bruxinha, ora para ter emoções, ora para pedir bombons. Um vento muito forte deu uma grande ideia para a Tia Rita:

- E se eu me vestisse de Bruxinha agora?

- Boa ideia! A criançada está quase descobrindo o "segredo", pois cada vez que a Bruxinha aparece, eu não estou por perto, já que eu sou a Bruxinha – disse Vovó entusiasmada com a ideia.

Dito e feito. Com a Vovó no pátio, as opiniões poderiam mudar. Tia Rita vestiu-se de Bruxinha, embrenhou-se no mato e gritou como a Bruxinha, mas não foi ouvida. Quer dizer, foi ouvida sim, mas não pelas crianças e sim pelos cachorros que chegaram rapidinho até o local. Rita, espantada, adentrou mais o mato, atirando os disfarces para todos os lados e foi correndo de biquíni para a casa da Tia Carmem.

Capítulo 4:

Brincando de assombrar com o Jason e o Pai da mata

Primeira Parte:

Neste capítulo, vamos encontrar a molecada no meio de uma “brincadeira”, criada por acaso.

Neste dia, todo mundo estava brincando na piscina quando ouviram um barulho de “quebra de mato”. Ficaram todos atentos quando Igor percebeu uma cara de gorila no meio das folhagens:

- Ei pessoal, é o, o, o Pai da mata!!

- **Ahhhh...**

Foi uma correria enorme: as crianças estavam apavoradas. Tio Luiz (que estava fantasiado de “Pai da Mata”, nome que Igor dera àquele gorilão) que compreendera o impacto de sua brincadeira, resolveu mostrar o resto de seu corpo, já que não estava fantasiado por completo.

Contudo, a desconfiança não acabou. Tio Rodolpho decidiu sair da piscina e foi “enfrentar” o gorila, corpo a corpo.

As crianças, excitadíssimas com a luta, torciam desesperadamente para o Tio Rodolpho. O *gorila* e o *herói* rolavam na grama até que Tio Luiz se deu por vencido. Uma vez derrotado, tirou a máscara e acabou com a brincadeira, porém a impressão ficou nas cabecinhas daquela molecada, com um folclórico Pai da Mata.

Tempos depois, Jean-Daniel, em uma de suas visitas no Paracuri, colocou a máscara já desmascarada e levou a criançada ao delírio.

Entrou no mato onde bateu nas folhas, quebrou pequenos galhos, pulou sobre folhas secas, etc. A molecada saiu correndo. Já sabia, só podia ser o Pai da Mata.

Procuraram durante um tempinho até que o avistaram. Jean-Daniel correu e subiu em umas árvores com gestos de gorila. A molecada corria atrás tentando segurar aquele *Tio-Macaco*. Era uma euforia só.



Tio Jean-Daniel como Pai da Mata.

Nesta noite, a turma reuniu-se na rua, no lugar costumeiro, em frente à casa da vovó, em grande suspense, pois durante o dia havia corrido um boato de que o Jason (é, aquele mesmo que você viu no filme!) apareceria de noite. Estavam todos muito ansiosos e calados até que Ivanzinho quebrou o silêncio:

- Tchau galera, eu vou lá pro portão esperar meu pai – disse saindo com uma valise nas mãos.

- Ei Ivan, eu vou contigo – disse Daniel da França, já em pé, pronto para acompanhá-lo.

Pouco tempo depois da saída dos dois, o Victor avistou algo estranho na entrada do caminho da Casa Velha, perto do Barracão. Logo, formou-se um alvoroço: seria o Jason?

Sim, era ele! E não demorou muito para que o tal de Jason se mostrasse por inteiro. Para o espanto de todos, ele estava segurando o Daniel da França pelo pescoço e, logo depois, começou a bater na presa, que se debatia como podia.

Victor e Luizinho saíram em socorro de Daniel. O resto da turma ficou apenas observando da rua aquela confusão.

Logo depois, o Jason sumiu e a confusão abrandou-se. Os que olhavam atentos ao movimento foram ver os “feridos” (Daniel, Victor e Luizinho) e ficaram muito assustados.

Depois desta emocionante história, o Jason apareceu várias outras vezes, da mesma forma que a primeira, porém, sem fazer reféns, pois todos já desconfiavam do Ivan.



Ivan em Jason.

Até que uns meses depois, o Raphael e o resto da família chegaram da França. Logo ele ficou sabendo do “monstro” e quis bancar o valentão:

- Eu num tenho medo do Jason – dizia Raphael repetidas vezes por dia.

Alguns dias depois, Ivan, que se dizia amigo do Jason, avisou a criançada de que naquela noite o Jason ia aparecer:

- Ei pessoal, eu falei com o Jason e ele me disse que vai aparecer hoje à noite!!

- Eu vou esperar ele acordado! – disse Fafa, bancando novamente o valentão que ele não era.

Raphael estava brincando na casa da Mariana e os dois não viram que já começava a ficar tarde. Quando Raphael estava indo para a casa da vovó (onde ele, seus pais e sua irmã ficavam quando vinham da França), Ivan passava pela rua:

- Olha, Raphael, se eu fosse tu, eu não ficava andando sozinho na rua essa hora. O Jason tá quase pra aparecer e se ele te encontrar sozinho ele vai te pegar...

O valentão do Raphael desmoronou, ficou nervoso e acabou pedindo ao Ivan que o levasse até a casa da vovó. Mas, uma vez lá, rapidamente ressurgiu o Raphael Valente.

O Jason finalmente apareceu e Raphael, medroso, mas metido a valente, não saiu da casa da vovó. Ele ia até o quarto do tio Junior, abria a porta que dava para o pátio e gritava:

-Ei Jason, vem me pegar!

Quando o monstro se aproximava, Raphael fechava a porta, amedrontado, e saía rindo. Até que, em uma dessas vezes, o Jason foi mais rápido e forte do que ele, impedindo que a porta fechasse e entrou na casa para perseguir o Raphael.

Fafa, morrendo de medo, correu para se esconder no banheiro do seu quarto e trancou a porta. O Jason bateu, bateu e bateu, mas não conseguiu entrar.

Então, o Jason saiu da casa da vovó e foi para o balancim do banheiro, se pendurou e mostrou a cara mascarada. Raphael deu um grito que entrou para a história, de tão forte que foi. Depois disso, o Jason “desapareceu”.

O Jason ainda apareceu outras vezes, mas não tinha a mesma graça, pois todos já sabiam que era o Ivan.

Capítulo 5:

O Clubinho

Primeira Parte:

Vamos falar, agora, de um outro passatempo desta criançada: o Clubinho. É importante ressaltar que a diversão dessa turma não era apenas do estilo Jason ou Bruxinha, havia também muitas festinhas; umas de cunho cultural e outras como reuniões, páscoa, festejos natalinos, etc.

Numa tarde, após o costumeiro almoço no barracão onde toda a família se reunia para bater papo, jogar sinuca, baralho, dominó, tomar banho de piscina..., Vovó aproveitou, como sempre, a oportunidade para inventar alguma coisa e movimentar o pessoal. Desta vez, foi o famoso clubinho de saudosa memória, que se chamaria “Clube Jovem do Paracuri”:

- O que vocês acham de nós formarmos um clube, um clubinho? – perguntou vovó, chegando para perto dos netinhos.

- Legal, eu topo! - disse Carol, rapidamente seguida por um coro de vozes de “eu topo” entusiasmadíssimas com a mais nova ideia daquela avó tão querida.

Animada com a resposta da criançada, lembrou que o clubinho deveria ser levado a sério, como se fosse de pessoas adultas e responsáveis. Disse-lhes também que eles mesmos iriam criar, promover eventos e, para que houvesse ordem, deveriam constituir uma diretoria.

- Eu proponho – sugeriu logo vovó - que a diretoria seja escolhida em uma Assembleia Geral. Os nomes que serão designados assumirão o cargo provisoriamente. Depois, nós marcaremos uma data e a diretoria será eleita para assumir o cargo durante seis meses. Após os seis meses, haverá então uma nova eleição para que todos possam exercer diferentes funções.

- Tá certo, eu aceito! – disse Carol, não se contendo mais. - É, vai ser bacana... – disse Ivan logo em seguida.

Dito isto, partiram para a ação... Vovó cedeu-lhes um quartinho que serviria de sede, com mesa, cadeiras, estantes, lixeira, material de escritório... Havia até uma velha máquina (que, não neguemos, parecia ser do século passado) que Carolina colocara lá.

Depois de inúmeros vaivéns, quando tudo já estava em ordem, foi marcada a primeira Assembleia Geral para o dia 09/04/1993. Durante a reunião, marcada por muitas discussões e euforia, várias novas ideias foram aparecendo, uma mais diferente do que a outra.

Nessa reunião, foi deliberado que:

I – Ficariam encarregados dos problemas ecológicos do condomínio, no cargo de Diretor Geral, o Daniel Cunha Villela (chamado por todos de Danielzinho), secretariado por Sarah Crestian Cunha;

II – Ivan Cunha Anijar e Antônio José de Barros seriam os diretores de Vídeo Games;

III – A mensalidade devida por cada sócio deveria ser recolhida até o quinto dia de cada mês, no valor de Cr\$⁹ 0,15.

Também ficou estabelecido que seria feito um bingo para a arrecadação de dinheiro que serviria para despesas do clube. Mas, como a Páscoa já estava muito próxima, sob a direção da tia Myriam (ou tia

⁹ Cr\$: símbolo da antiga moeda brasileira, o cruzeiro.

Mimie), os netinhos primeiro cuidaram de preparar um jogral e alguns cantos que, como de costume, seriam apresentados na festa da Ressurreição de Jesus.

A Páscoa tinha sido muito bonita e, uns três dias depois, finalmente houve o bingo que, como era de se esperar em uma tão grande família, foi um sucesso. Com a venda das cartelas de Cr\$ 3,00, apurou-se um total de Cr\$ 4.200,00.

Com esta quantia, abriu-se uma conta no Banco, possibilitando, mais tarde, a compra de uma mesa de pingue-pongue (sonhodeconsumodaquela molecada) e a construção de um trampolim para a piscina, para orgulho de todos os que faziam parte daquele novo clubinho, o CJP.

Dia 21/04/93, Victor, auxiliado pelo Everton¹⁰, escalou times de vôlei para um torneio:

- Ei vó, eu e o Everton já preparamos tudo pro torneio de vôlei! – disse Victor empolgadíssimo com o seu trabalho.

- Muito bom, meu filho. E como foi que ficou?

- Vai ter dois times: um dos jovens e outro dos adultos. O jogo vai ser domingo que vem e a gente vai entregar uma medalha de “Honra ao Mérito” pro time que vencer.

¹⁰ Everton (e Fabiano): são os dois filhos da funcionária da Vovó.

Sim, o CJP foi crescendo e se organizando à medida que o tempo passava! As invenções para melhorá-lo eram infinitas. Sabendo que iria empolgar os netinhos, a vovó propôs mais uma de suas ótimas ideias:

- Que tal se nós confeccionássemos uma carteirinha com o emblema do Clubinho, assinada pelo presidente, para cada um de vocês?

- Ah! Legal! – logo se entusiasmou Luizinho.

- É, vai ser firme! – continuou Toi.

- Bom, então eu desenharei o emblema e todos nós confeccionaremos a carteirinha – concluiu vovó.

- Mas vó, pra que é que essa carteirinha vai servir? – perguntou Luciana, ansiosa.

- Ela vai servir para várias coisas, tais como, quando você for pagar, a pessoa da diretoria que receber o dinheiro dará uma carimbada na sua carteirinha e, ao apresentá-la, você terá direito a todas as vantagens que o Clube Jovem do Paracuri pode oferecer.

-Ah! Gostei!!!

Depois da ideia das carteirinhas, foi apresentada então uma outra, desta vez vinda da Manuela:

- Ei vó, e se a gente também fizesse uma blusa pro pessoal do clubinho usar nas reuniões do CJP?

- É uma ótima ideia, Manuela! Vou pensar em um modelo bonito e simples de blusa.

- Vó, não se esqueça que o símbolo do clubinho tem que aparecer na blusa – disse Sarah, meio que preocupada.

- Tá certo, Sarita, eu vou pensar numa blusa com o emblema do clubinho no meio.

Como disse, o bingo foi só o começo...

O aniversário da vovó estava se aproximando e a galera do CJP decidiu então lhe preparar uma surpresa...

Chegado o dia 06 de maio, os sócios do clubinho, como tinha sido combinado por eles, vestiram suas blusas de meia branca, com o emblema do Clube e, juntos, foram cumprimentar a aniversariante.

Arrumaram-se em frente à Vovó e apresentaram um jogral intitulado “Palavras”. Em seguida, o Presidente do CJP, Daniel Crestian Cunha, em nome dos presentes, fez as homenagens à aniversariante. Foi uma grande surpresa que fizeram para a Vó.

Poucos dias depois, no dia 19 de maio, o mesmo ocorreu no aniversário de Vovô, Tuxaua da Tribo do Paracuri. Além de versinhos e pequenas mensagens, ouviu-se a cantoria dos menores da Tribo.

Arrumando-se diante do Vovô, cantaram uma música do disco “Balão Mágico” que falava sobre um avô especial. Como era de se esperar, o querido Tuxaua ficou muito feliz.

Um mês depois do aniversário do vovô, a nova Diretora de Esportes, Carolina, que fez uma excelente gestão, organizou o Segundo Campeonato de Vôlei, desta vez com três times, A, B e C. O time vencedor foi o time B, formado por Ivan, Juliana, Fábio e Fabiano.

Carol, neste mesmo mês, junho/93, também organizou um novo torneio para a comemoração da inauguração da compra de um novo trampolim e de uma mesa de pingue-pongue, efetuada com o dinheiro do Clubinho.

Uma semana antes da nova eleição, o grupo encarregado de cuidar do vídeo estava se desinteressando e atrapalhando o bom desempenho do CJP e, como era de se esperar, Ivan, Igor e Everton renunciaram aos cargos de Diretor, Secretário e Fiscal.

Para resolver este “impasse”, a fundadora do Clube reuniu os outros sócios e, por unanimidade, Luizinho, Luciana e Sarah foram escolhidos para ocupar os cargos vagos.

Sem mais incidentes, a reunião foi encerrada.

Ainda bem que a turma não foi muito atingida pois, de tarde, o pensamento já era outro.

Organizada há bastante tempo, a gincana para os menores foi muito legal. Danielzinho, Mariana, Ana Laura e Catarina receberam o certificado de Honra ao Mérito pelas provas de natação, corridas de bicicleta e corridas de atletismo com revezamento.

Na época de ser realizada a eleição para nova diretoria, foram apresentadas duas chapas.

A chapa I apresentava para Presidente: Carolina; Secretário: Daniel; Tesoureiro: Manuela, e como diretores sociais e de esportes: Luciana e Juliana, ficando Luizinho, Luciana e Sarah nos mesmos cargos que haviam recebido recentemente.

A chapa da oposição não quis apresentar democraticamente a sua formação (Presidente, ...) e limitou-se apenas em votar na Vovó para todos os cargos.

Saindo o resultado das eleições, e tendo sido Vovó eleita para todos os cargos, em uma reunião disse:

- Meus queridos, eu estou muito feliz de saber que todos vocês confiam em mim. Porém, eu não tenho como desenvolver tudo sozinha. Por isso, eu sugiro que vocês me deixem escolher a minha chapa.

- Vó, o que a senhora escolher, eu tenho certeza, vai ser o melhor - disse Juliana, admirada.

-É verdade!! - concordaram em uníssono.

- Bom, então, eu vou declarar a Chapa I como a chapa vencedora. Sendo assim, eu serei a Ajudante da nossa mais nova Presidente, Carolina!

Todos aplaudiram, apesar do descontentamento de alguns (os integrantes da oposição).

Logo empossada, a nova Diretoria aprovou, como primeiro ato, o Hino do CJP e a Canção do Clubinho.

Hino do CJP

**Eis a moçada do Paracuri
Faz a felicidade morar aqui
Temos o verde da mata
Celeiro de um mundo em festa
A cor da terra
Onde plantaremos
E receberemos benesses
Temos o céu azul anil
Abençoando nosso Brasil.**

**O AMOR e a PAZ
São nossa bandeira
Que hastearemos na terra inteira**

**Estamos firmes aqui
E confiantes no porvir
Seremos fortes, amigos,
Engrandecendo o Paracuri.**

**Estudaremos e modificaremos
Este mundo,
Onde não haverá
Mais dores e sofrimentos
Oh! Deus de Amor e Paz
Protege-nos, todos os lares
E o nosso Brasil!**

Canção do Clubinho

**Este clubinho é tribal
Temos um nobre ideal
Unidos vamos formar
A turma super legal
Somos o Clube Jovem do Paracuri!!!!**

Algum tempo depois, já com uma conta no Banco em nome do CJP e uma agência funcionando dentro do Paracuri, pronta para oferecer depósitos, poupanças, empréstimos, livros de cheque para que a criançada se sentisse madura para enfrentar o futuro, Vovó teve uma decepção!

Os curumins foram se desentendendo e se desinteressando aos poucos deste gostoso passatempo e assim os sonhos de amadurecimento, filantropia, AMOR, desenvolvimento dos potenciais que todos possuíam e mais harmonia ACABARAM!!

Queremos ter felicidade aqui

Temos o verde da mata

O canto da passarada

Uma terra abençoada

Que belos frutos nos dá

Um lindo céu azul Anil

Para sonhar

Com brancas nuvens

E um sol a brilhar.

Unidos vamos cantar

A Deus louvar

Transmitindo a todos

Grande Amor

Assim do mundo afastar
O Ódio e a Dor
Proclamando Paz
Sem temor.

Por hoje vamos calar
Mas prometemos voltar
Com nosso canto alegrar
Aqueles que não sabem amar.

Capítulo 6:

Como tudo começou

Depois do clubinho, os netos, realmente, tinham mudado. Eis que, em um sábado à tarde chuvoso, uma deliciosa conversa começava...

No meio de uma deleitável conversa sobre o mundo e seus feitos, Victor, calmo e pensativo, com uma expressão de muita importância perguntou:

- Vó, a gente mora aqui e gosta muito do Paracuri. A Senhora conversa, conta histórias e brinca com a gente. Mas uma coisa que nunca disse pra gente foi como tudo isso começou, quem “inventou” esse lugar gostoso?

Vovó apreciou aquela curiosidade tão madura para a idade do Vitinho. Deu uma olhada para o passado e tirou-o da memória para aquela plateia tão curiosa e atenta:

- Na verdade, eu sempre tive o sonho de morar bem próximo à natureza, longe do movimento das cidades grandes e do seu barulho, a vida seria bem mais calma e suave. Principalmente se eu pudesse ter um pedaço de terra que abrigasse toda a família: filhos, genros, noras e netos, tal e qual uma tribo de índios. É bom demais sonhar com muita paz e união – Um por Todos e Todos por Um – enfim toda a felicidade possível de ser alcançada nesta terra.

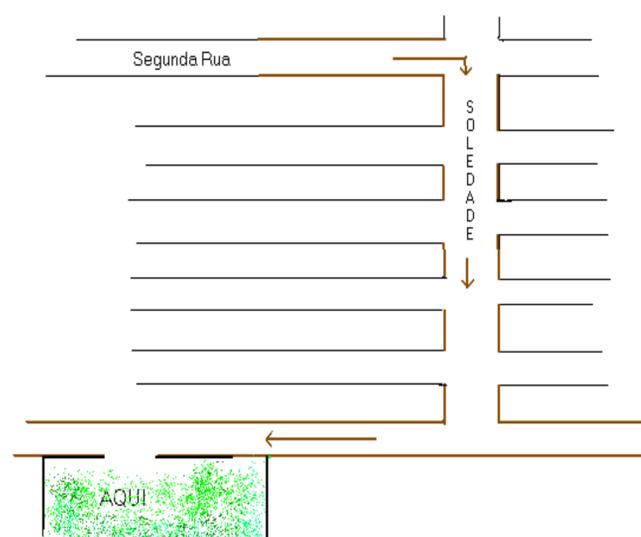
- Mas vó, vocês sempre moraram aqui no condomínio? - perguntou Juliana, entrosando-se na conversa.

- Não. Na verdade foi mais ou menos assim: a Rosa e o Ely, teus pais, já estavam casados, assim como tua tia Olga e o tio Ivan, tua tia Carmem e o tio Barros; o teu tio Rodolpho já estava se arrumando com a Socorro e o

Luiz com a Rita quando propuseram ao vovô a compra de um terreno de uns 15 hectares, bem no meio da mata do Paracuri. Eu adorei a ideia!

- Mas vó, como é que vocês fizeram pra chegar no terreno se era no meio da mata? – perguntou Mariana, já preocupada com os animais e plantas, habitantes daquela mata.

- Para chegar até o terreno, partíamos da segunda rua do Distrito de Icoaraci e seguíamos pela travessa Soledade, que é a principal rua de Artesanato da região. Tínhamos que passar mais 5 travessas e atravessar pontes de madeira. Chegando na Esquina da sétima rua, ou rua 2 de Dezembro, com a Soledade entrava-se na estrada de terra acima citada até chegar a um esqueleto de barraco. Era aí! Deixem-me desenhar um mapinha para vocês entenderem melhor...



- Agora é que eu entendi! – exclamou Tiago.

- Mas vó, a Senhora comprou o terreno assim, de cara? - perguntou-lhe Toi, espantado.

- Não, não. No início eu estava meio apreensiva por causa dos gastos que teríamos, vovô e eu, para comprar aquele enorme terreno e ir, aos poucos,

realizando meu maior sonho. Mas, o sonho prevaleceu e os avós de vocês puderam comprar aquela terra. Isso foi com muito sacrifício, aborrecimento e dissabores, para formarmos um alicerce forte para sustentar nossa coragem, determinação, trabalho e muita esperança, pois as parcelas para a compra do terreno eram muito caras. Mas, não é nem preciso dizer que valeu a pena, pois hoje podemos, felizes, desfrutar de nosso terreno.

- É, nunca imaginei que vocês tinham feito todo esse esforço pra gente ter o que a gente tem hoje! - disse Victor, admirativo.

- Sabe meu querido, neste mundo tudo tem seu preço e nada é conseguido sem esforço. É isto, justamente, que nos dá a alegria da vitória.

- Vó, quando a Senhora fala em aborrecimento e dissabores, a Senhora se refere a alguma coisa especial? - perguntou-lhe Carolina, sempre muito atenta.

- Na verdade, sim.

- E o que foi que aconteceu? - perguntou Carla, curiosa.

- Foi um incidente bastante desagradável criado pela vendedora do terreno, uma senhora que chamaremos de Tereza. Quando vovó continuou seu relato, as caras risonhas iam desaparecendo e, em seu lugar, a raiva crescia:

- Vovô e eu pagamos várias parcelas para a Dona Tereza e, imaginem que, quando o avô de vocês foi

pagar a última parcela do valor devido pelo terreno, nossa “querida” D. Tereza simplesmente disse que não queria mais vender o terreno e o esqueleto de barraco.

- E aí, o que foi que o vovô fez? – perguntou-lhe Ana Laura, meio que com raiva e curiosidade.

- Ele logicamente ficou muito irritado, mas falou que estava tudo bem, que ela deveria devolver todo o dinheiro que já havia recebido das mãos de vovô e ele lhe devolveria o terreno.

- E ela aceitou, vó? – perguntou, por sua vez, Catarina.

- Não! Ela não aceitou a proposta de vovô dizendo simplesmente que ela não tinha mais o dinheiro para devolver e que ela não entregaria os documentos para efetivar e legalizar a compra.

- Que bandalheira! - indignou-se Luizinho.

- É, se eu fosse o vovô, eu tirava os documentos da mão daquela mulher e nem pagava a última parcela – exclamou Danielzinho, com um ar de valentia.

- O pior de tudo é que o vovô não podia arrancar os documentos das mãos de D. Tereza, pois ela simplesmente não os possuía.

- Como, vó? O terreno não era dela!? – perguntou-lhe Daniel, que já estava ficando roxo de raiva e muito confuso.

- Exatamente, meu filho! Mas vovô e eu só ficamos sabendo disso bem mais tarde.

Vovó, vendo as caras confusas dos netinhos, resolveu explicar-lhes toda a história:

- Como D. Tereza não quis saber de acordo algum, vovô resolveu contratar um advogado, o Dr. Jorge, para entrar com a questão na justiça a fim de resolvê-la. Logo na Primeira Instância, nós ganhamos a questão. O Juiz mandou D. Tereza entregar-nos os documentos. Porém, ela não nos entregou nada e recorreu à Segunda Instância e, mais uma vez, perdeu. Ficou provado, então, que ela não tinha documento algum e, deste modo, foi dado ao vovô o direito de proprietário da terra. Isto foi registrado no Cartório, ficando assim resolvido o problema e ficamos com a posse legal e definitiva do terreno.

- Mas vó, se o terreno não era de D. Tereza, de quem era? – perguntou Manuela, ainda confusa.

- Bom, na verdade, os últimos donos deste terreno, que hoje é nosso, eram uma família do século XIX, de 1880, mais ou menos. Como não tinha sucessor algum, hoje ele é nosso!

- Ah tá!

- É muito bom que vocês, meus netinhos, saibam que nós temos o processo completo em nossas mãos, viu? Deixem-me mostrar para vocês o Registro do Terreno em Cartório.

Vovó foi procurar uma cópia do Registro, mostrou-a aos netinhos e continuou a sua história:

- Desta época à diante nós começamos a reformar o esqueleto de barraco que hoje chamamos de Casa Velha. Esta, bem antes de se tornar a Mansão dos Gatos, se transformou em uma casinha muito aconchegante. Passamos então a usá-la nos fins de semana e feriados.

- Nunca pensei que a Casa Velha tinha sido a casa de vocês! - disse Sarah meio espantada.

- É, mas foi. Depois, como a família aumentava e meus primeiros netinhos estavam crescendo, vovô resolveu fazer uma piscininha muito bonita para vocês. Olhem-na aqui, nesta foto:



Raphael, ainda bebê, na 1ª piscina do Condomínio.

- Mas vó, a sua casa e o resto do nosso condomínio, vocês construíram quando?

- O avô de vocês e eu fizemos muitas economias até que, quando já tínhamos um bom dinheiro, resolvemos construir a nossa Casa Grande, como os pais de vocês costumam chamar a minha casa. Mais tarde, abrimos estradas, iluminamos as nossas casas e até mesmo a estrada. Depois, introduzimos linhas telefônicas e mandamos fazer um poço artesiano e uma caixa d'água bem grande, com capacidade de abastecer todas as casas que viriam depois.

Vovó parou, bebeu um copo de água e continuou:

- Em seguida, foi construída uma outra piscina perto da nossa casa. Diferentemente da primeira, que era rasa e pequena, esta era e ainda é de azulejos claros, meio funda e bem grande. Vocês adoraram. Também foi construído um barracão que nos serve de Sede Social. Mais tarde, ainda foi feito um muro que cerca todo o nosso terreno e um grande portão, uma baia (onde o tio Glaucemir deixou alguns cavalos) e uma guarita para melhor vigilância do Condomínio.

- Vovó, e as nossas casas? - perguntou Ana Laura curiosa.

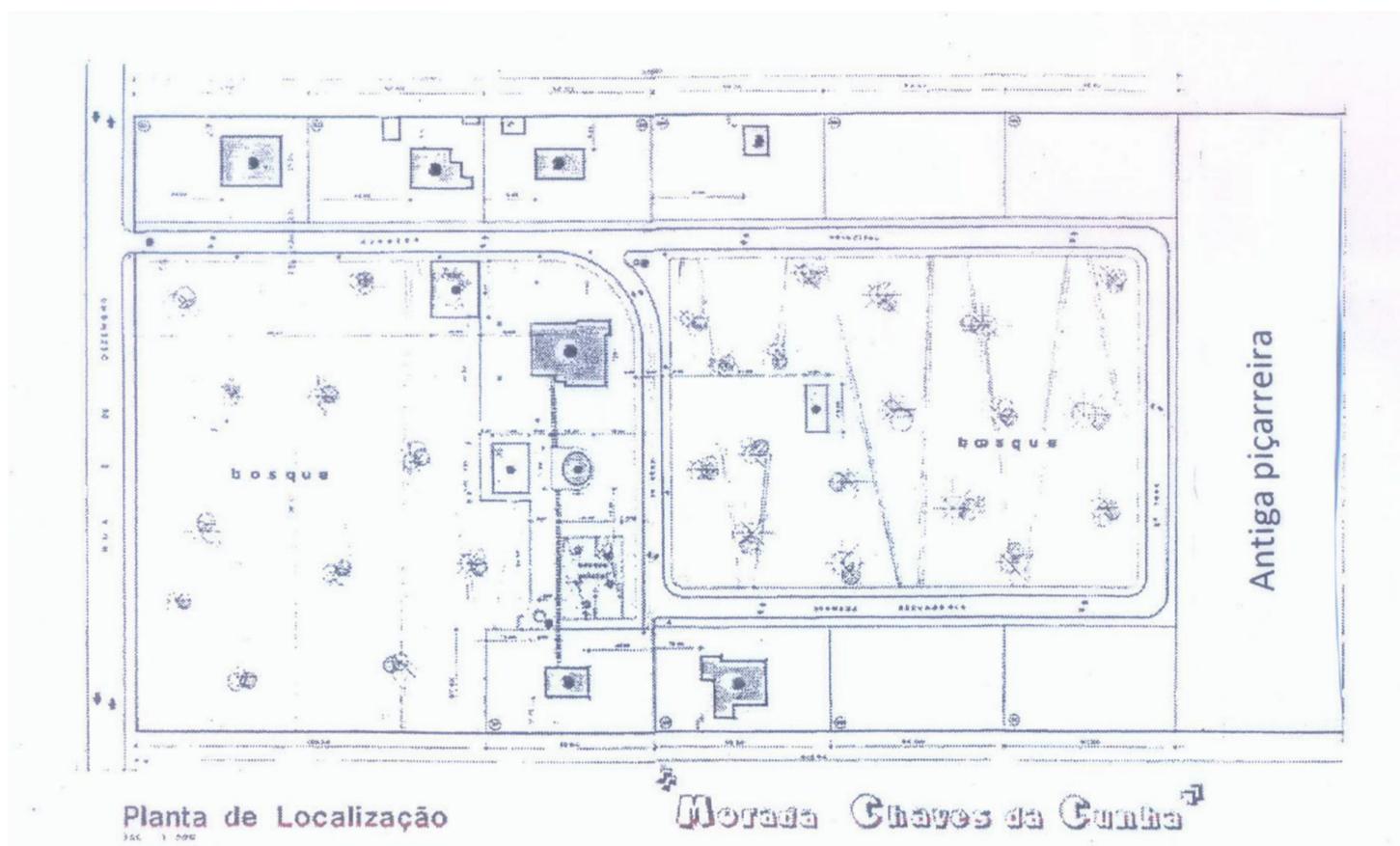
- Como o terreno era muito grande e nós queríamos que nossos filhos tivessem um pedaço deste terreno para construir a sua casa, nós demos a cada um (ao todo eram dez filhos) um lote de terra de 1.500 m². Assim, foram surgindo as casas que hoje formam este

nosso paraíso: uma comunidade gostosa e um pouco distante da cidade grande.

- Eras, legal! – exclamou Victor.

- É, agora vocês já sabem toda a história da nossa “Morada Chaves da Cunha”!!!!!!

É, esta avó e seus netinhos viveram muitas coisas inacreditáveis!





Vovô e Vovó com todos seus netinhos. Aliás, quase todos, pois ainda vieram mais depois!!!

Publique seu e-book com a gente!

Letraria 



Letraria 